

## **Estudos Culturais Britânicos e o *Queer*: Um Ensaio de Aproximação<sup>1</sup>**

Mayllon Lyggon de Sousa Oliveira<sup>2</sup>  
Suely Henrique de Aquino Gomes<sup>3</sup>  
Geisa Müller de Campos Ribeiro<sup>4</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Deyvisson Pereira da Costa<sup>5</sup>  
Universidade Federal do Mato Grosso, Barra do Garças, MT

### **RESUMO**

Esse trabalho consolida-se como uma possibilidade de ensaio e aproximação entre o que é apontado tanto nos estudos culturais britânicos quanto no que é entendido como uma política pós-identitária *queer*. A partir desses dois pontos dissonantes propomos uma aproximação entre os conceitos, suas aplicabilidades e formas de vivência material a partir dos seus próprios corpos e dos corpos dos sujeitos que eles descrevem. Nesse sentido, discute-se as relações de representação desses sujeitos ante a um sistema cultural, entendido a partir dos estudos culturais, como um conjunto de práticas e formas de ação. O que se conclui é que é preciso perceber esses sujeitos a partir dos seus próprios termos, das suas próprias imagens e forças de ação ante aos espaços de fala e de ação em que eles estão inseridos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Queer, representações, imagens, estudos culturais

### **Introdução**

A luta da militância gay por uma imagem homossexual sadia é constante. Vê-se desde 1970 o crescimento expressivo dessa luta, impulsionado, dentre outros fatores, pelo crescente espaço conseguido por esses indivíduos para criar e enunciar discursos no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação e Mídia (FIC/UFG), mestre em Comunicação e Mídia pela mesma instituição. E-mail: mayllon.lyggon@gmail.com

<sup>3</sup> Professora titular da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da mesma instituição. E-mail: suelyhenriquegomes@gmail.com

<sup>4</sup> Doutoranda em Comunicação e Mídia (FIC/UFG), mestra em Comunicação e Mídia pela mesma instituição. E-mail: geisamuller@hotmail.com

<sup>5</sup> Doutor em Comunicação pela UFMG, professor no Instituto de Ciência Humanas e Sociais da UFMT. E-mail: deyvissoncosta@yahoo.com.br

---

estabelecimento de uma representação própria, carregada das lutas, dos anseios e das verdades promulgadas e instituídas pelos sujeitos do discurso.

Nisso, novos espaços, inclusive veículos de comunicação de grande alcance, têm servido como um *lócus* desse pronunciamento na estruturação de novas representações e também como um espaço no qual alguns indivíduos, podem criar suas próprias imagens, suas formas de se mostrar e serem vistos, que servem tanto para quebrar paradigmas existentes quanto para instituir novas imagens, como é o caso dos personagens trans, travestis, gays e lésbicas de Pedro Almodóvar, das *drag queens* de John Waters, dos gays de Xavier Dolan. Ou ainda na música por Cazuza, Dzi Croquettes, David Bowie, Liniker, Mel Gonçalves, apenas para citar alguns.

Tendo isso como plano de base e seguindo o que Raymond Williams (1969) promulgou de que as obras de artes são frutos da cultura em que estão inseridas, a proposta desse trabalho é fazer uma aproximação entre os conceitos de representações e queers, sob a luz dos Estudos Culturais britânicos.

É importante destacar que não é porque esses sujeitos possuam uma sexualidade não normativa que com menor ou maior frequência esse tipo de expressão aparecerá em suas obras. E mesmo que essas expressões e formas de vida sejam diferentes e promovam essa diferença, nem sempre elas recorrem à uma alcunha política, mas, acredita-se, esses encontros, tanto teórico aqui propostos, como nas vidas desses sujeitos e da sociedade podem promover novas formas de expressão, novas possibilidades discursivas e talvez vidas que sejam mais vivíveis.

### **Identidade *queer* e representação: um arcabouço**

A personagem *queer* está presente em diversas nuances da produção literária, intelectual e artística, mudando suas faces e comportamentos desde os quadrinhos até cinema. As formas de representá-la não são fixas no tempo. Essas mudam – e são mudadas pela – a forma de pensar da sociedade que a originou. O cinema como tributário a outras artes, em suas diversas nuances, formatos e estilos, produz discursos que estão inseridos em determinados contextos, ou seja, um tempo e espaço específicos, ora refletindo ora se contrapondo cultura a qual o sujeito está inserido (WILLIAMS, 1969).

---

O movimento gay tem figurado socialmente como um importante elemento de mudança na cultura política, visto que estes indivíduos têm se consolidando cada vez mais como atores sociais. O espaço que esses indivíduos vêm ganhando mudou, devido aos diversos fatores que interferem direta e indiretamente na forma como a sociedade se organiza. As representações desses personagens no cinema, naturalmente, têm ligação com essas mudanças sociais.

Porque a historicidade desses indivíduos requer uma atenção especial, as expressões artísticas (principalmente audiovisual e a música) em seus produtos caminha ao encontro das representações próprias desses indivíduos por eles mesmos. O fato dos sujeitos de pesquisa se apropriarem desta mídia dá *corpus* a uma série de indagações sobre a reelaboração simbólica, a ressonância da heterorrepresentatividade e a possível negação deste modelo.

Para serem compreendidas por diferentes grupos sociais, é necessário que as expressões artísticas estejam inseridas em uma possibilidade imaginativa do real, cultural e de produção de sentido, é necessário que a produção esteja inserida em uma estrutura imaginativa de entendimento do real, cuja linguagem seja carregada de elementos simbólicos que são compreendidos por diferentes grupos.

As representações são processos complexos e ativos com interferência direta na sociedade, essas partem da sociedade e a ela retornam. Muito embora os elementos composicionais precisem ser estudados isoladamente, conforme sua matriz construtiva seja ela informativa, ideológica ou cognitiva. Assim, os estudos de representação estão voltados para a matriz da qual parte a mensagem. As representações, por sua vez, estão pautadas na satisfação do ímpeto humano em se inteirar e modificar o mundo circunvizinho, cujo processo de criação está baseado em uma crise do seu modelo antecessor, o que dá, inclusive, brechas de resistência para que esses sujeitos sejam capazes de modificar as representações e a si mesmo com suas próprias imagens.

A despeito das representações, há o trabalho dos sujeitos em conceituar, explicar e transgredir certos aspectos da vida cotidiana. Estes fenômenos são diretamente observáveis na estrutura do pensamento científico, podendo compor objeto central das ciências humanas e objeto da comunicação.

As representações são fenômenos constituídos no interior de determinada configuração cultural. Por cultura, entende-se um conjunto de valores e significações

---

partilhados, ou seja, uma rede de valores e significação criados pelos indivíduos através, também, da linguagem e da comunicação (HALL, 2006; 2012).

Nesse sentido, a representação é um conceito que tem como centralidade o entendimento da cultura com base no que é constituído de significado no senso comum. Esse é construído por meio de um grupo de práticas que são estruturadas pelo intercâmbio de significados e a produção desses (HALL, 1997).

Percebe-se, então, que a representação é construída, assim como a linguagem, por meio da cadeia de significados em que estão inseridos os indivíduos. Logo, é por meio das representações que damos significados às coisas e às experiências, já que é através dos processos linguísticos/comunicacionais que fazemos usos das coisas, sentimos, pensamos e dizemos, ou seja, representamos algo que possui algum significado, comum ou não, à cultura em que estamos inseridos.

É essa busca pelas formas que se constrói o significado que mobiliza a análise de Hall (1997) a respeito do conceito de representação. Através das atribuições que ele faz da constituição da identidade, signos e significados, as representações possibilitam o funcionamento da linguagem, assim, essa é um sistema de representação. Aqui, a abordagem do autor prioriza, também, as consequências da representação através dos discursos e como isso afeta as condutas, a formação e/ou a construção das identidades e, sobretudo, suas interpretações sócio-históricas.

Se os significados são atribuídos através do sistema de representação e se os significados são constituídos através da linguagem, é preciso entender os recursos prioritários para sua interpretação. Daí, ao se analisar as representações é preciso que: a) elas sejam analisadas conforme as formas assumidas pelo significado; b) se priorize as formas matérias onde circulam os significados simbólicos. Veja-se, não há resposta única e indizível, mas sempre possíveis interpretações, que, sendo baseada na subjetividade de quem a analisa, está passível de transformação, pois os significados estão sempre em processos de negociação e inflexão e podem ressoar novas situações (HALL, 1997).

Então, se percebe a representação como a utilização da linguagem para dizer algo significativo, produzindo significados que são intercambiados entre membros de determinada cultura. Ou, na opinião de Silva (2012, p. 91), a representação enquanto um “sistema de signos, como pura marca material”, “um traço exterior”, “um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”.

---

Percebe-se que residem na representação dois processos: um ligado ao sistema de correlações do conjunto de representações que possuímos, enquanto indivíduos presentes em uma cultura; e outro relacionado ao mapa conceitual partilhado por meio da linguagem, no qual se pode representar ou intercambiar significados ou conceitos. Através da linguagem (e do discurso<sup>6</sup>) há a constituição da representação, sendo assim por meio desse jogo poder (enquanto um elemento que possibilita a enunciação e o acesso aos discursos) que há também a constituição da identidade.

Para conceituar identidade Stuart Hall (2006), enumera três concepções de sujeito: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno, a fim de contextualizar historicamente os discursos em um tempo e também fazer uma genealogia indicando alguns fatores responsáveis para a conceituação de identidade tal como se conhece.

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção de indivíduo totalmente centrado, com um núcleo interior estável, com características próprias que o identificam permanentemente; o sujeito sociológico, reflete a complexidade do mundo moderno, cujo núcleo não é autônomo, mas constituído com base nas relações que são estabelecidas com o mundo circunvizinho; a condição contemporânea e os processos do sujeito sociológico desembocam no sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa e imutável, nem uma identidade formada pelas interações com outras pessoas, mas sim uma “celebração móvel” (HALL, 2006).

Devido a essas condições, em outro momento, Stuart Hall (2012) traz o conceito de identidade como um conceito estratégico e posicional, ou seja, não assinalando um núcleo instável e imutável do indivíduo, mas considerando uma nova posição do “sujeito”, como descentrada e deslocada. Aqui, tanto Hall (2012) quanto Silva (2012), trabalham um conceito de identidade pautado na identificação e diferença, rememorando principalmente o conceito de *différance* de Jacques Derrida.

A identificação surge na obra de Hall (2012, p. 106) como uma construção, um processo nunca completado, alojado na contingência que, mesmo tendo sido assegurada, não anulará a diferença. Sendo, o “processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção”, ou seja, ela está ligada ao “jogo da *différance*”.

---

<sup>6</sup> O discurso, nesse trabalho, rememora a conceituação de Foucault (1996) como um conjunto de declarações que proporcionam um meio através do qual se pode representar o conhecimento a respeito de determinados tópicos em algum momento histórico, bem como o poder que se almeja apoderar.

---

Dáí que torna-se tão importante pensarmos as possibilidades de imagens queers criadas pelos vários sujeitos que subvertem as normas culturais heterossexistas e conseguem seus alcances próprios, sujeitos que juntos contabilizam milhões de *views* e aparições em diversos veículos de comunicação de longo alcance e podem criar suas próprias imagens, suas formas de serem vistos.

Tais produções e imagens além de serem embasadas na teoria *queer*<sup>7</sup> são, para Lopes (2006, p. 382), importantes porque possibilitam uma política “identitária de confronto e marcação das diferenças que, enfatiza uma luta política e teórica contra a repetição de imagens negativas em favor da necessidade de imagens positivas”.

Outra categoria conceitual levantada, é a sexualidade, trata como um “fenômeno do supersaber [da sexualidade] (...) no plano social, no plano cultural, em formas teóricas ou simplificadas” ao passo que, no plano individual, há um “desconhecimento pelo sujeito do seu próprio desejo” (FOUCAULT, 2006, p. 59). Embora esses fenômenos pareçam contraditórios eles coexistem (e até se relacionam!) dada à constituição cultural e social, sobretudo no ocidente.

A partir do supersaber das próprias sexualidades, após 1970, com os movimentos de libertação de uma identidade *queer* – entendida como “a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO, 2001, p. 546), fica claro que as identidades normativas não são mais suficientes para determinar ou caracterizar um indivíduo ou um grupo deles. Mais que ter uma identidade ou criar uma identidade específica, o *queer* procura estabelecer suas próprias imagens, sua proposta é ser a diferença e o diferente.

Essa diferença e o ser diferente inaugura novas imagens, novas de ser visto, novas de discurso, em suma, novas proposta de ser representado no mundo a partir de um conjunto de imagens capazes não só de apontar sua potência, mas também de desestabilizar as representações vigentes, constituídas a partir do conjunto de significados presentes na sua cultura.

---

<sup>7</sup> O termo *queer* é utilizado como um termo síntese para se referir a *gays* e *lésbicas*. Esse uso é, no entanto, pouco sugestivo das implicações políticas envolvidas na eleição do termo, feita por parte do movimento homossexual, exatamente para marcar (e distinguir) sua posição não assimilacionista e não-normativa. (...) a preferência por *queer* representa uma rejeição ao caráter médico que estaria implícito na expressão homossexual (LOURO, 2001, p. 546).

---

## Os Estudos Culturais britânicos, uma perspectiva da cultura

Os Estudos Culturais britânicos são conhecidos assim nas teorias da comunicação graças aos estudos multidisciplinares desenvolvidos no *Center of Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham na Inglaterra. A proposta do centro, segundo Armand e Michèle Matterlart (2014), é estudar – em nível de doutorado – as “formas, práticas e instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação social”. Muito embora o centro só venha a ser fundado e ter seu auge nos anos de 1950 a 1970, sua pedra inicial foi lançada com os estudos de Frank Raymond Leavis, ainda em 1930, quando ele publica *Mass Civilisation and Minority Culture* (1930), que está pautado em como, segundo os autores, o “desenvolvimento do capitalismo industrial e suas expressões culturais, sobretudo o cinema, tem efeito pernicioso sobre as diversas formas da cultura tradicional” (MATTERLART; MATTERLART, 2014, p. 105).

Além disso, a proposta leavisiana propõe uma contraposição à escola funcionalista norte-americana, a proposta dele é de uma abordagem às várias formas de produção literária com base em análises textuais, uma característica intrínseca à sua formação de crítico literário, através desses processos há ainda pesquisas dos sentidos e valores socioculturais.

Três outros autores são de extrema importância e considerados, os fundadores dos Estudos Culturais: Richard Hoggart, professor de literatura inglesa moderna, e Raymond Williams, professor de uma instituição de formação de trabalhadores e Edward Palmer Thompson, historiador. A obra de Hoggart é pautada, sobretudo na cultura do pobre, principalmente na sua primeira publicação *As utilizações da Cultura*. A proposta de Hoggart, que o viria caracterizar como culturalista, é a descrição das mudanças que acometeram a vida e as práticas da classe operária com focos no trabalho, família, lazer e vida sexual. Já Williams, em sua primeira obra, *Cultura e Sociedade (1780-1950)* traz um paralelo e uma crítica a dissociação praticada entre cultura e sociedade.

Hall (2009) menciona que as obras não são necessariamente um ponto de virada, já que à primeira vista elas parecem apenas obras de atualização – para a situação do pós-guerra – do que já havia sido escrito por outros autores. Segundo o ele,

Eram, claro, textos seminais e de formação. Não eram, em caso algum, ‘livros-textos’ para a fundação de uma nova sub-disciplina acadêmica: nada poderia ter sido mais estranho ao seu impulso intrínseco. Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, eles próprios constituíam respostas às pressões

---

imediatas do seu tempo e da sociedade em que foram escritos, ou eram focalizados ou organizados por tais respostas (HALL, 2009, p. 125).

O que se percebe, então, nessas obras é a necessidade de ver a cultura do seu tempo de uma forma diferente, reestabelecer os padrões e as formas de leitura dessa cultura com a perspectiva de pensá-la em relação com a sociedade em que está inserida, já que, segundo o autor, sem pensar a cultura não há como perceber e entender “as transformações históricas passadas e presente”. Nisso se percebe que, “concentradas na palavra ‘cultura’, existem questões diretamente propostas pelas grandes mudanças históricas que as modificações na indústria, na democracia e nas classes sociais representam de maneira própria” (HALL, 2009, p. 125).

Há ainda uma separação entre a arte a cultura. A arte considerada durante muito tempo como a própria cultura, ou sua maior expressão, “a pedra-de-toque”, é colocada por Williams como apenas uma de suas expressões, a qual está inteiramente ligada à cultura em que está inserida, logo ela passa a ser considerada mais como um elemento situacional do que universal da cultura. Tanto Raymond Williams, quanto os Estudos Culturais, procuram uma definição do que é cultura. Muito embora não haja uma delimitação final e acabada desse conceito ele aponta dois caminhos principais que darão norte às pesquisas sobre cultura e suas aplicações nos Estudos Culturais em toda a sua extensão.

A primeira perspectiva de ver a cultura está localizada em *The long revolution*, a cultura nessa obra está relacionada com a experiência, logo a cultura passa a ser democratizada e socializada. O pensamento de cultura erudita e cultura popular (de massa) presente nos estudos anteriores, como Escola de Frankfurt, por exemplo, são deixadas de lado para uma visão de cultura macro, pautada na experiência de vida das pessoas. O que pode ser um resquício autobiográfico do autor (WILLIAMS, 2003).

Mais que isso, ele integra a cultura a um processo subjetivo natural aos indivíduos que vivem em uma sociedade industrializada. Afinal, por é por meio do que vive e como se vê as coisas, logo um processo subjetivo, e a comunicação enquanto um processo de compartimento de significados comuns é que existem a comparação, manutenção e criação de novos significados, crescimento e mudança.

Assim, a arte, enquanto um processo, surge como uma parte da sociedade e, por isso, não tem lugar, sentido ou unidade sólida fora dela, ela será sempre uma atividade,



---

no mesmo patamar da produção de bens, política e comércio, dentre outros (WILLIAMS *apud* HALL, 2009).

A segunda perspectiva de pensar a cultura de Williams, aponta para um pensamento antropológico da cultura enquanto uma prática social, um modo de vida global. Assim a cultura seria uma interrelação e a soma de todas as práticas estabelecidas em determinado grupo. Isso posto, ela estaria pautada nesses padrões de organização que rege a energia humana em sociedade, podendo ser encontrado e sintomático em si mesmo. Nesse processo, a análise da cultura aponta para uma “tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos”, logo, entendendo esses processos inter-relações, como “as práticas e padrões que são vividas e experimentadas como um todo, em um dado período” é que se tem a “estrutura da experiência” (WILLIAMS *apud* HALL, 2009, p. 128).

Já a contribuição de Richard Hoggart se dá à medida que o autor, e também diretor e fundador, constrói sua pesquisa com base nas relações estabelecidas entre a cultura contemporânea e a sociedade, ou seja, no estabelecimento de relações entre as formas e práticas culturais e as mudanças provenientes desses processos de troca. Seu foco principal está nos materiais culturais que outrora haviam sido negligenciados e a cultura popular e, principalmente, os meios de comunicação de massa. Na percepção do autor, no âmbito popular não há apenas submissão, mas também espaço resistência.

Sua produção está cimentada na difusão da cultura através dos meios de comunicação de massa, principalmente sobre as classes populares, de onde pertencia o autor filho de operários. Isso se acentua principalmente em *Usos da Cultura*, na qual o autor em duas principais partes retrata a difusão de uma cultura industrializada e norte americana com a “ordem mais antiga”.

Na primeira parte do livro o autor menciona como o bairro, a família, as roupas, ou seja, hábitos, costumes e símbolos representam a produção de uma ordem autêntica, uma forma de cultura particular entre o proletariado e os subúrbios ingleses (ESCOSTEGUY, 2001).

Já a segunda parte está pautada nos processos de industrialização das formas culturais, na modificação constante dos hábitos graças a inserção de novos processos sociais a que estão sujeitos os indivíduos, sobretudo relativos aos horários de trabalho e também à inserção de “bares de leite” (*milk-bars*) e uma “cultura do *juke-box*” com maior influência principalmente sobre os jovens. Embora essas novas formas de conviver com

---

a cidade estejam relacionadas a um usufruto maior dos espaços urbanos e do consumo elas estão também ligadas a uma espécie de automatização dos processos produtivos, tal como acontece com a personalização dos produtos ou o entretenimento, que não refina o gosto, mas o estimulam.

Já no que tange aos veículos de comunicação, sobretudo o jornal impresso, o jornalista enquanto um formador de opinião e responsável por transmitir as informações utilizando a escrita enquanto um processo criador, deixa de exercer sua função crítica para apenas entregar aos leitores o que eles precisam. Segundo o autor, há uma falta de compromisso e essa necessidade crescente de leitores faz com que haja uma espécie de competição entre eles, resultando em processos ainda maiores de degradação da qualidade.

Veja-se, essas modificações são impostas em cadeia de cima para baixo, fazendo ruir o princípio de comunidade estabelecido, sobretudo por sua função comercial, o que tornaria a classe operária uma massa despolitizada e passiva, em contrapartida há também um processo de adaptação das forças tradicionais que regem esse processo, que geraria um processo de resistência e manutenção dessas forças.

Já a contribuição de Thompson está contida na sua influência no desenvolvimento da história britânica por seu viés marxista de formação e também nas discussões sobre cultura estabelecidas com a obra de Williams. Para os dois autores a cultura está posicionada enquanto um processo de vivência das práticas e relações que determinam a vida cotidiana, no qual o indivíduo é seu expositor máximo, porém, diferente de Williams, ele não acredita em uma forma de vida global ou “estrutura da experiência”, mas sim como um processo de enfrentamento das diferentes formas de vida (ESCOSTEGUY, 2001).

Hall (2009) chega a mencionar que o primeiro contato desse enfrentamento aconteceu quando Thompson revisou *The long revolution*, de Williams. Enquanto a obra de Thompson parte de um fundamento organizador no qual ele estabelece as classes enquanto relações e também aponta para a luta popular e a cultura de classe em sua particularidade histórica, provenientes da sua tradição marxista, Williams apresenta uma percepção de cultura mais reflexiva e generalizante. Diferente de Williams, que recuperará *sui generis* os termos estrutura e superestrutura de Marx, Thompson prefere trabalhar com ser social e consciência social. Assim, o primeiro se pauta nas práticas

---

enquanto uma totalidade real e indissolúvel, ao passo que o segundo se volta para a distinção entre o que é cultura e o que não cultura.

Para além disso, a determinação de conceito dos dois autores, cada um com sua peculiaridade e formação de pensamento, possuem certas similaridades, tal como expressa Hall, citando Thompson. Ele apresenta um conceito de cultura relacionado à “matéria prima da experiência de vida” que está localizada em um polo e “as disciplinas e sistemas humanos infinitamente complexos, articulados e desarticulados, formalizados em instituições ou dispersos em modos menos formais” estariam localizados em outro polo, em um processo de dialética absoluta (HALL, 2003, p. 131).

Por último, mas não menos importante os Estudos Culturais possuem uma vasta influência do teórico social e sociólogo jamaicano Stuart Hall. Tendo assumido a presidência após Hoggart, no período de 1968 a 1979, o sociólogo foi responsável por fomentar as discussões sobre as práticas de resistências de subculturas e de análise dos meios massivos, como elementos de influência nas direções da sociedade. Além disso, o autor possui um importante papel de aglutinador das teorias criadas no centro e um catalizador de vários projetos coletivos (ESCOSTEGUY, 2001).

Os estudos do jamaicano dissertam, dentre outras coisas, sobre processos de identidade e representação, cujas ideias são base para essa pesquisa, bem como é um dos responsáveis pela expansão dos *cultural studies* à temas como gênero e sexo. Uma de suas contribuições está pautada também na elaboração de um conceito de cultura, enquanto a partilha de símbolos e vivências partilhadas através da comunicação e da linguagem. Suas outras frentes de trabalho dizem respeito à questão da identidade cultural e como os processos de (pós) modernização das sociedades interferem nos sentimentos de nação, estado e de identificação cultural e, também, nos estudos de recepção das mensagens televisivas e como essas mensagens podem ser recebidas, absorvidas e reinterpretadas em vários âmbitos da vida familiar.

Ele é responsável ainda por incorporar na elaboração das teorias desses estudos a ideias dos pensadores franceses e alguns norte-americanos e fomentar os estudos feministas. Isso fica mais perceptível em “*Quem precisa de identidade?*” quando ele incorpora em um mesmo trabalho as teorias de sexualidade e poder de Michel Foucault e Judith Butler, mas também há uma forte presença dos trabalhos de Louis Althusser, Roland Barthes e Ferdinand de Saussure.

---

Como se percebeu em um primeiro momento os Estudos Culturais estão pautados em um conceito de cultura, em como esse conceito e esse processo são responsáveis pela organização da vida e sociedade e como ele é construído através dela.

Houve, a partir de 1970, uma concentração maior nos estudos em torno das emergências das subculturas, que fugiram às estruturas da cultura dominante de poder. E na segunda metade dessa década os estudos começam a se voltar para os meios de comunicação de massa, principalmente no que diz respeito à autonomia dos indivíduos a esses processos, e como esse sistema contribuiu para a constituição de uma identidade coletiva, no procedimento de resistência e subordinação das classes populares (ESCOSTEGUY, 2001).

Há ainda um crescente foco sobre os estudos de gênero e feminismo, cujo desenvolvimento está pautado na questão da resistência, da luta contra hegemônica do sistema patriarcal. Destaca-se:

A abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas consequências na construção do objeto de estudo dos Estudos Culturais; a expansão da noção de poder que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria 'poder'; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito e, por último, a 'reabertura' da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente-psicanálise (ESCOSTEGUY, 2001, p. 163).

O que se depreende nessa mudança de foco, sobretudo a partir de 1970, é que os Estudos Culturais estão à procura de responder questões de ordem social de uma forma constante, o que se percebe muito bem no aumento dos estudos de audiência, formações identitárias individuais e coletivas e nos estudos de gênero, tanto com relação à sexualidade como com as relações de poder estabelecidas na sociedade.

Já em 1980 esse foco recai ainda mais sobre as condições de formação de identidades sociais e sua recomposição em períodos em que a solidariedade estaria desabilitada, ou seja, as ênfases estarão na dimensão subjetiva e na pluralidade dos modos de vida vigente. Em 1990 há a retomada dos estudos sobre a audiência, em uma captura da experiência, à luz das relações de identidade em âmbitos globais, nacionais, locais e individuais (ESCOSTEGUY, 2001, p. 166).

## **Considerações Finais**

Discutiu-se a representação enquanto um processo através do qual indivíduos criam imagens de si mesmo dando significados possíveis inseridos em um grupo que partilha do mesmo mapa linguístico, nesse processo de descoberta é necessário que se estude a matriz que emite a mensagem, como referente de como essa imagem pode ser estabelecida. E essa representação estará sempre inserida em determinada cultura, cuja manutenção será feita através da comunicação.

Já o queer, deve ser visto como uma diferença que não quer ser assimilada, aceita. É um processo de pós-identitário, inserido em uma cultura enquanto um conjunto de símbolos e significados, que caracteriza grupo contra hegemônicos.

Considerou-se que os Estudos Culturais é uma aglutinação de temáticas de pesquisa, com uma amplitude incomum. Sua variação dos estudos de cultura, de audiência e depois de identidade, gênero e sexualidade, possibilitaram ao grupo de estudiosos dessa escola de comunicação uma dimensão pouco característica, mas cujos estudos estão sempre inseridos em uma perspectiva multicultural e eles também conseguem perceber e estabelecer as condições contemporâneas de descentralização do indivíduo em suas várias posições e identidade, descentrado geograficamente e múltiplo teoricamente.

Destaca-se também uma subversão a partir de expressões artísticas, como formas enquanto um meio de comunicação hegemônico, utilizado dentre outras coisas como um elemento para criação de representações normativas para nesse caso em específico por meio de diretores autores de criar representações contra hegemônicas, instaurando uma nova representatividade e criando pontos de resistência na cultura em que está inserida, o que produz e é produzido através do queer.

Essa representação contra hegemônica no meio audiovisual se dá por meio de uma dialética com a heteronormatividade, isso porque a cultura em é vista como uma socialização, logo partilha de infimos símbolos e significados que foram instaurados, logo é necessário que as margens percebam esses processos e os subvertam criando pontos de fissura nessa representação macro para criar novas formas de representação no imaginário social, que poderão vir a constituir processos de subjetividade.

A relação entre cultura, representação e identidade é complexa. Essas são resultantes de relações de poder e expressões empíricas diversas envolvidas. Expressões culturais são provenientes de distintos grupos em diferentes condições sócio históricas, logo é necessário entender essa cultura e o aparato utilizado por esses indivíduos para

perceber as dimensões estabelecidas entre essas representações e esses sujeitos do discurso no meio social.

### Referências Bibliográficas:

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Tradução: T. T. Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 112-125.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. Sexualidade e Poder. In: MOTTA, M. B. **Ética, Sexualidade, Política: Coleção Ditos & Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 56-77.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução: T. T. da Silva & G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. **The work of representation**. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org. e Trad.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 103-133.

\_\_\_\_\_. **Estudos Culturais: dois paradigmas**. In: SOVIK, Liv (Org.) **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003b.

HOGGART, R. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referenciais a publicações e divertimentos**. Lisboa: Editorial Presença, 1973a.

ESCOSTEGUY, A. C. **Os estudos Culturais**. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (ORGs) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOURO, G. L. Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação. **Revistas Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n.1, jul/dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em: 07/01/16

MATTERLART, A. MATTERLART, M. **Histórias das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola 1999.

MATTELART, A. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SILVA, T. T. **A produção social da identidade e da diferença.** *In:* SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 73-102.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade.** Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. **La Larga Revolución.** Buenos Aires: Nueva Vision, 2003.